

CRÔNICA

Sergio Leo sergioleo.valor@gmail.com

Mão leve, baixaria e saruê

Na Guerra Fria, quando superpotências acumulavam bombas atômicas na disputa por áreas de influência, os Estados Unidos souberam explorar seu “soft power”, o poder brando de fazer amigos e influenciar pessoas, sem recorrer ao duro poder das armas ou das finanças. Apelaram ao poder de fogo da cultura, usaram até notas disparadas pela turma do jazz — como as do trompete de Louis Armstrong, em excursões pelo mundo nas quais os músicos nem suspeitavam que serviam de cobertura a contatos de agentes da CIA e suas agendas ocultas.

Até a promoção da baixinha notável Carmen Miranda, na Broadway, fez parte do arsenal da diplomacia cultural americana, num esforço de aproximação de Washington com o Brasil, veja você. A cultura é ferramenta poderosa.

Brasília, quem sabe, também vai aprender, um dia, a divulgar melhor a qualidade de seus artistas para mudar a imagem da cidade,



hoje confundida, no resto do país, com os afamados corredores da política e seus desvios para escândalos de péssima memória. Escândalos protagonizados por gente de todo o país, aliás.

Afinal, na música de Brasília, berço de talentos nacionais do rock — e do chorinho, e do rap —, mãos leves são as de pianistas como a nossa onipresente Marília de Alexandria, professora de muita gente boa, que dia desses acompanhava um animado coral da cidade em festival de música em Medellin, na Colômbia.

Baixaria, nesse meio, é o que faz elegantemente um Osvaldo Amorim, mestre diplomado no contrabaixo,

diretor musical, professor e ativo promotor cultural. Na capital, indo a algum local com música de qualidade, você se arrisca a encontrar o baixista Osvaldo. Na última abertura de exposição do Museu Nacional da República, há duas semanas, lá estava ele, com outros músicos de igual calibre, um baixo que — me perdoe o trocadilho — levanta o astral por todo canto da cidade.

Nem os bichos ficam imunes ao feitiço dos músicos na capital. Comprovei, pessoalmente, tocando pandeiro, no meu jardim, ao me juntar a um dos sarauas que o vizinho de condomínio tinha o bom gosto de promover, nos fins de

semana, com uma turma habituada a tocar no Calaf, templo musical da cidade.

Nos primeiros toques de mão, vi folhas balançando numa das árvores próximas, e delas saiu, alegrinho, em direção ao instrumento, um saruê, animal cada vez mais comum por aqui, até na vegetação urbana do Plano Piloto.

Fiz um gesto em direção ao bichinho, ele recuou; fiquei imóvel, a não ser pelo batuque no pandeiro; e o saruê retomou a andança em minha direção.

Ah, alegria, tornar-se um verdadeiro pandeirista de Hamelin, encantando a fauna, como num conto de fadas. Era o que pensava eu,

até que o traçoeiro gambazinho chegou a meu tornozelo, onde pespegou uma dentada certa como a de um roedor de terno e gravata, da raça mordedora de verbas do orçamento secreto.

Resultado do samba: oito injeções no posto de saúde, de antirrábica, antitetânica e anti-histamínica. Braços, coxas e nádegas, nenhum ficou sem picada. E a lição: se você não for profissional, evite tocar qualquer instrumento perto de um saruê.

Ora, os bichos da capital. Eu devia saber. Acostumados à boa música, esses animais de ouvido apurado fazem uma crítica violenta. Intransigente.

E como dói.